Ata da reunião de 24 de novembro de 2022

Estiveram presentes Vitorino de Sousa (moderador) Valéria de Santirso, Vasco de Samoa e Virgínia de Santiago.

Ordem de trabalhos: Análise do primeiro poema do conjunto "Em cima como em baixo", de Valéria de Santirso, escrito em 6 de agosto de 2022:

Em cima haverá algum plano para a Humanidade?
Uma senha que a guerra jamais adotará?
Um estatuto inspirado na Claridade?

Em cima haverá a verdadeira Compaixão?
Uma bondade que o desamparo removerá?
Uma brandura que honre o bater do coração?

Em cima haverá uma Irmandade genuína?
Uma clareza que todas as sombras ofuscará?
Uma limpidez que apenas Amor origina?

Em cima haverá uma nascente da Harmonia?
Um largo rio onde o Mundo flutuará?
Um oceano que submerge quem não sorria?

Se há, que desça e venha até cá.

Vitorino de S. — Antes do mais, Valéria, o que é que te levou a criar o conjunto ao qual pertence o poema que serve de tema a esta conversa?

Valéria de S. — Sempre me interessei pelas relações existentes entre "o que está em cima" e "o que está em baixo". Portanto, nada mais natural do que refletir, por escrito, sobre esse tema. Aliás...

Vasco de S. — Desculpa interromper-te... Quando li este poema, fiquei com a sensação de que não tens muita confiança nas eventuais relações existentes entre esses dois planos.

Valéria de S. — A tua sensação está correta. A minha desconfiança radica na discrepância — mais do que evidente — entre o que as diversas religiões dizem acerca dos poderes do "Povoadores dos Céus", e as tragédias que sempre assolaram a humanidade.

Vitorino de S. — Essas "tragédias", como tu lhes chamas, incomodam-te?

Valéria de S. — Sim, incomodam-me bastante. Dói-me profundamente verificar que a humanidade tem evoluído através das invenções feitas para melhorar o seu desempenho na guerra e noutras formas de barbaridade.

Virgínia de S. — Concordo inteiramente. É por isso que me refugio, física e filosoficamente, nos ambientes oceânicos. Não admira que me chamem a Filha dos Oceanos!... Mas, diz-me, Valéria, gostarias, realmente, que "em cima" houvesse um oceano que submergisse quem não sorrisse, como escreveste na última estrofe do teu poema?

Valéria de S. — Esse verso, é, evidentemente, uma metáfora. Não defendo a eliminação seja de quem for, inclusive a daqueles que não sorriem. Mas há aqueles que não sorriem por, por terem nascido “cinzentos", desconhecem o que seja alegria, e há os que não sorriem porque as condições de vida os fizeram perder a alegria.

Vitorino de S. — Neste momento, o teu conjunto "Em cima como em baixo" tem apenas três poemas. Parece-te pouco ou preferes evitar a saturação?

Valéria de S. — Tu sabes, Vitorino, que detesto escrever banalidades. Portanto, para acrescentar um poema a esse conjunto, primeiro tenho de encontrar um conjunto e ideias que não seja um lugar-comum. Ao contrário de ti, por razões profissionais, não disponho de muito tempo para escrever.

Vasco de S. — O primeiro verso da segunda estrofe é uma pergunta surpreendente: "Em cima haverá a verdadeira Compaixão?". Queres comentar?

Valéria de S. — Estranho que esse verso te tenha parecido surpreendente. Estou convencida de que uma das características originais da raça humana é a Compaixão. Se, algum dia, tiver de reconhecer que estou enganada, ficarei muito desiludida com Quem se lembrou de criar uma linha civilizacional neste planeta.

Vitorino de S. — Estou inteiramente de acordo contigo. A diferença é que, nos meus poemas, exponho essa sensação de uma forma bem mais contundente...

Virgínia de S. — Confesso-te, Vitorino, que gosto bastante daquele poema que escreveste com base numa ode de Ricardo Reis, intitulado "Os deuses são felizes". Nele afirmas claramente o teu desconhecimento acerca do que está "em cima", quando dizes:

> *Não sei se os deuses são intrujões, se são fiéis,*
> *se são eficazes ou se também têm deslizes.*

Vasco de S. — O que eu acho mais interessante nesse poema, é assumires o que muito mais gente também deveria assumir. Ou seja, que não sabes nada sobre os deuses!

Vitorino de S. — Julgo ter aguardado, ao longo da vida, algumas ideias sobre este tema, mas não nos esqueçamos "o poeta é um fingidor", como escreveu Fernando Pessoa! ... Para terminar, Valéria, gostaria que comentasses o verso com que terminas os poemas deste conjunto.

> *Se há, que desça e venha até cá.*

Valéria de S. — Bom... Se, "em cima", há realmente aquilo que cito ao longo do poema – que não é nada de especial, apenas alguns conceitos básicos, capazes de proporcionar qualidade de vida aos habitantes da Terra – é aconselhável que desça e venha até cá... porque aqui "em baixo" parece não haver. Ou, se há, manifesta-se com raridade. Se, como digo no poema, há um plano para a Humanidade, se existe a verdadeira Compaixão, se existe uma Irmandade genuína e a nascente da Harmonia, tudo isso faz mais falta aqui em baixo do que onde estão. Do meu ponto de vista, não faz sentido que os deuses (para usar um termo que tu, Vitorino, costumas usar) não compartilhem tudo isso connosco.

Vitorino de S. — Certo. Muito obrigado pelos teus esclarecimentos.

Vasco de S. — Até à próxima. Fico à espera de mais poemas.

Virgínia de S. — Obrigado, Valéria. Se me permites, sempre que achares conveniente, aborda as maravilhas dos mundo oceânicos.

Valéria de S. — Eu é que agradeço a oportunidade. Um abraço para todos.